

# NASCIDOS EM 21 DE ABRIL

*Os aniversariantes de hoje sentem-se orgulhosos da coincidência do calendário. Mas reclamam da ausência de praia e dos engarrafamentos cada vez mais constantes*

Rafael Faria  
Da equipe do *Correio*

**A** OS 37 ANOS, BRASÍLIA JÁ TEVE TEMPO DE DAR A LUZ A SUAS GERAÇÕES PRÓPRIAS. GENTE QUE AQUI CRESCE OU ENVELHECE E QUE PODE ENCHER A BOCA PARA EXCLAMAR "MINHA TERRA". PARTE DESSE PESSOAL COMPLETA ANOS SIMULTANEAMENTE À CIDADE ONDE NASCEU.

Por exemplo, a empresária do ramo de cosméticos Ione Marçal, que hoje faz 36, enquanto sua mãe,

a pioneira Olgeniria Marçal, atinge os 62. As duas aniversariam na mesma data, junto com Brasília.

Claro que só a primeira tem idade para ser brasiliense de nascimento. Dona Olgeniria o é por adoção. Foi morar no acampamento da Vila Planalto em 1958. Saiu com o marido de Ituiutaba, no triângulo mineiro, em busca do Eldorado candango. Encontraram. O bombeiro hidráulico Benedito Marçal ajudava a construir o Palácio do Planalto e a mulher reforçava o orçamento de casa vendendo marmitta para os operários na Praça dos Três Poderes. Ela também fazia doce, bolo e lavava roupa para fora.

Era uma época de oportunidades de ganhar dinheiro e a família ergueu casa própria. No novo Distrito Federal, foram criadas as cinco filhas, além dos sete netos e mais quatro filhos adotivos. "Nunca vou morrer falando mal de Brasília. Tenho que agradecer a ela

por tudo que ela me deu e por tudo que me tirou", diz Olgeniria, que mora na quadra 23 do Gama Leste. O "tirou" significa as mortes de uma filha e do marido.

Ex-professora de Matemática no Setor Leste, formada no Ceub, funcionária do Tribunal Regional Eleitoral e aluna de Direito na AEUDE, a filha Ione Marçal sente-se enraizada. A cidade que lhe proporcionou uma formação saudável, com boas escolas e amizades que duram até hoje, acredita, pode oferecer o mesmo aos três filhos, que estudam no colégio Inei.

O propalado tédio oriundo dos vastos espaços sem gente e da carência de opções de diversão, para Ione, não existe. Brasília é de estresse, de povo que trabalha e estuda muito para vencer, mesmo porque a cidade oferece terreno para a evolução individual. "Qualidade de vida é para aquele pessoal que vive na praia, tranquilo, não vive correndo. Será que não é isso?",

Glauco Dettmar 15.4.97



*Olgeniria e Ione Marçal: mãe e filha aniversariam na mesma data, 21 de abril*

pergunta-se a empresária, moradora da 112 Norte.

Mas a cidade vale a pena, apesar de seu principal entrave atual: o trânsito, segundo Ione. Comparados às metrópoles, porém, os engarrafamentos de Brasília ainda são o "paraíso". "Quando você sai do Rio ou de São Paulo, vem do aeroporto e pega o Eixão sente um

alívio."

Renato Bruxel, que hoje chega aos 9 anos, também está satisfeito com sua cidade, exceto pelo mesmo grave detalhe apontado por Ione. "Tem muitos carros", queixa-se o garoto. Todo dia, quando volta do Colégio Dom Bosco, onde faz a 3ª série, tem de suportar o trânsito congestionado até a 103 Sul. A

quadra cumpre os objetivos de socialização pensados por Lúcio Costa e turma. Em baixo do bloco, as crianças, Renato incluído, se encontram para brincar, com segurança e área verde.

Nesse ambiente, em muitas e muitas tardes jogando bola de gude na quadra, cresceu Giovanna Montanaro, na 414 Sul. Hoje ela faz 20 anos. "Acho a cidade perfeita. Só falta praia e agitação na vida noturna." Perfeita, no que diz respeito à tranquilidade e às ótimas escolas e faculdades, e mercado de trabalho. Sobre a vida noturna, aponta Giovanna, tem ficado restrita a Taguatinga. A estudante de pré-vestibular, que pretende ingressar na UnB em julho, tem um lado de brasiliense típica: de vez em quando vai à Torre; visita um clube, o Previ, nos finais de semana e costumava andar de bicicleta no Parque.

Ana Amélia Maia, 10 anos a partir dessa segunda, só trocaria Brasília por Vitória. "Porque lá tem praia." Aqui, vai ao ParkShopping, estuda na Escola Classe da 102 Sul e, quando não tem dever de casa, brinca com os amigos da 203 Sul.

Mônica Licursi nasceu quando a nova capital soprava sua primeira velinha. Nos últimos 36 anos, amou a cidade. Teve infância e adolescência felizes na 711, 406 e 310 Sul. "Atualmente está dando vontade de não morar mais aqui." Mônica gastava em torno de 20 minutos da UnB, onde trabalha, até seu apartamento no Núcleo Bandeirante. Depois que o Plano Real passou a levar 4.500 carros a mais para as ruas, o trajeto já dura 40 minutos, no mínimo.

"A infra-estrutura da cidade não comporta mais seu crescimento. O trânsito está ficando inviável." De qualquer forma, Mônica ainda tem bastante apreço pela cidade, sua arquitetura, os jardins numerosos, a baixa poluição. "Mas aquilo que todo mundo diz de a cidade ser fria é verdade. As pessoas não têm calor humano. Você tem muitas amizades aqui porque cultiva, mas é difícil fazer amigos", observa.